

70322  
SERMAM 197590

DE S. IOAM  
BAPTISTA  
NA PROFISSAM

DA SENHORA

MADRE SOROR MARIA DA CRUZ, 3

Filha do Excellentissimo

DVQUE DE MEDINA SYDONIA,

SOBRINHA DA RAYNHA N. SENHORA

*Religiosa de S. Francisco*

No Mosteiro de Nossa Senhora da Quietação, das Framengas  
*Em Alcantara.*

Esteve o SANTISSIMO SACRAMENTO exposto.

*Affistirão suas Magestades, & Altezas.*

Prégouo o P. ANTONIO VIEIRA da Companhia  
de JESV, Prégador de Sua Magestade.

---

EM EVORA

Na Officina desta Universidade. Anno 1659.



16  
*Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filium, & au-  
dierunt vicini, & cognati ejus quia magnificavit Dominus mi-  
sericordiam suam cum illa, & congratulabantur ei. Et venerunt  
circuncidare puerum, & vocabant eum nomine patris sui.*

*Zachariam. Et respondens mater ejus dixit: Ne-  
quaquam sed vocabitur Ioannes*

Luc. cap. i.

## S E N H O R.

**N**O dia em que nace a Voz de Deos, justamente emudecem as vozes dos homés. Admiraçoens emudecidas são a retorica deste dia: *mirati sunt universi*; pasmos, & assombros sam as eloquencias desta acção: *Factus est timor super omnes vicinos eorum*. He dia hoje de fallarem os corações, & de calarem as linguas: por isso a lingua de Zacharias emudeceu, por isso os corações dos Montanhezes fallavão: *Posuerunt in corde suo dicentes*. E se em qualquer dia do grande Baptista he perigoso o fallar, & os discursos mais discretos sam os que se remetem ao silencio; que será hoje no concurso de tantas obrigaçoens, em que as causas do temor, & os motivos da admiraçam se vem tão crecidos? Se toda a rezam dos assombros no nascimento do Baptista era verém que dava Deos a huma alma a mão de amigo: *Et enim manus Domini erat cum illo*. Quanto mais deve assombrar hoje nossa admiraçam ver que dá Deos a outra alma a mão de Esposo: *Et enim manus Domini erat cum illa*? Bem sei que disse Origines, que dar Deos a mão ao Baptista foy desposarse com sua alma: mas muito vay de desposorio a desposorio, porque vay muito de lugar a lugar. Desposarse Deos nos desertos he cousa ordinaria; mas desposarse Deos nos palacios: Deos desposado no Paço! Maravilha grande! He caso este em q̄ acho contra mim todas as escrituras.

Se lermos o Profeta Oseas acharemos, que querendo Deos

Desposar-se com numa alma, *esse*, que a levaria primeiro a hum deserto: *Ducam eam in solitudinē, & loquar ad cor ejus.* Osee. 2. Se lermos o Profeta Jeremias, acharemos, que lembrando Deos a Hierusalem o tempo, que com ella se desposara, advertio que fora noutro deserto: *Charitatem desponsationis tuæ quando sequutur a es me in deserto,* Jerem. 2. Se lermos os Cantares de Salomão acharemos, que os desposorios daquella alma, sobre todas querida de Deos, num deserto se tratarão, noutro deserto se conseguirão: *Quæ est ista quæ ascendit per desertum:* dis no cap. 3. *Quæ est ista quæ ascendit de deserto innixa super dilectum suum:* dis no cap. 8. Mas pera que he multiplicar escrituras, se o mesmo Esposo que está presente nos pode escusar a prova? O mysterio em que Deos mais propriamente se desposa com as almas he o Sacramento soberano da Eucharistia. Porque nelle (como gravemente notou São Agostinho) por meio da união do corpo de Christo se verifica entre Deos, & homem: *Erunt duo in carne vna,* Genes. 2. E se buscarmos os lugares em que Deos figurativamente celebrou estes desposorios, acharemos, que os principaes, assim no velho como no novo testamento, forão desertos. A principal figura do Sacramento no testamento velho foy o Maná, durou quarenta annos, & todos forão do deserto: *Patres nostri manducaverunt Maná in deserto,* Joan. 6. A principal figura do Sacramento no testamento novo, foy o milagre dos cinco paés, & o milagre dos sete, & ambos succederão no deserto: *Desertus locus est, & non habet quod manducent. Unde eo. quis potest hic saturare panibus in solitudine?* Marc. 6. 8. Pois qual he a rezam (pera q̄ mais fundaméte nos admiremos) qual he a rezão porq̄ se desposa Deos nos desertos sempre? Não he o Monarca vniversal do mundo, nam he o Principe eterno da gloria? Pois já que ha de desposar-se desigualmente na terra, porque nam busca esposa com menos desigualdade nas Cortes, & nos paços dos Reys, senam nos desertos, & nas soledades?

A rezam he, porque esposa com as qualidades de que Deos se agrada, nam se acha nos palacios, achase nos desertos. O Sa-

cramen-

cramento nos fundou a duvida ; S. Ioam nos fundará a reposta.  
 Fes Christo hũ Panegirico do Baptista ( que de tam grande co-  
 geito sũ Deos pode ser bastante orador ) as palavras forão pou-  
 cas, a sustancia muita, & começou o Senhor assim : *Quid existis*  
*in desertum videre? Hominem mollibus vestitum? Ecce qui molli-*  
*buis vestiũtur in domibus regum sunt.* Luc. 7. Sabeis quẽ he Ioão,  
 esse a quem todos sahis a ver (dis Christo.) He hũ homem que  
 vive no deserto: nam he dos homẽs que vivẽ no Paço. Notavel  
 dizer ! Pois Senhor, este he o thema que vós tomais pera prẽgar  
 do Baptista? Quando quereis concluir, que he o maior dos naci-  
 dos, fundais o Sermam em que vive no deserto, & nam vive no  
 Paço? Si. Toda a perfeiçam resumida consiste, como dizem os  
 Theologos: *In prosequutione, & fuga,* em seguir, & em fugir: em  
 seguir a virtude, & em fugir o vicio. Por isso os preceitos eccle-  
 siasticos, & divinos, hũs sãõ positivos, outros negativos; os pos-  
 sitivos que nos mandãõ seguir o bem, os negativos que nos mã-  
 dãõ fugir o mal. Pois pera Christo resumir a poucos fundamen-  
 tos toda a perfeiçam do Baptista, que fes? Disse que era hum ho-  
 mẽ, que seguia todo o bem, & que fugia de todo o mal. E pera  
 dizer que fugia de todo o mal, disse, que não vivia no Paço. Ex-  
 pñicoulhe Christo a vida pelo lugar, & pera dizer quem era, disse  
 onde morava. Ainda nam digo bem. Pera dizer quem era disse  
 onde morava, & onde nam morava. Pera dizer que era homẽ  
 do Ceo, disse que morava no deserto: pera dizer que nam era  
 homẽ da terra, disse que nam morava no Paço. E que estando  
 os Paços dos Reys da terra tam mal reputados com Deos, que  
 aquelle Senhor, que sũ se desposava nos desertos, hoje o veja-  
 mos desposado em Palacio! maravilha grande.

Mas qual serã a rezam desta maravilha? Qual serã a rezam,  
 porque Deos, que sũ se desposava nos desertos, hoje se desposa  
 no Paço? A rezam he, porque o Paço das Rainhas de Portugal  
 he Paço com propriedades de deserto. Deos commumente  
 desposase no deserto, porque não acha no deserto as condiçoẽs  
 do Paço: hoje desposase no Paço, porque achou no Paço as con-  
 dicioẽs

71  
dicoes do deserto. Quando a Iob no meio de seus trabalhos lhe parecia melhor a morte, que a vida, entre as queixas que fazia della, disse desta maneira: *Et nunc requiescerem cum Regibus, & Consulibus, qui aedificant sibi solitudines*, Iob. 3. Se eu fora morto estivera agora descansado entre os outros Reys, & Principes, que edificao desertos. Notavel modo de fallar: *Cum Regibus, qui aedificant solitudines*: Reys que edificao desertos! Se differa Reys que edificam palacios, bem estava: mas Reys que edificam desertos! Os desertos edificamse? Antes desfazendo edificios, he que se fazem desertos. Pois q̄ Reys sam estes, que trocáo os termos à Architectura, que Reys sam estes, que edificao desertos? Sam aquelles Reys (dis S. Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal maneira se contemporiza com a vaidade da terra, que se trata principalmente da verdade do Ceo, & Paços onde se serve a Deos como nos hermos, nam sam Paços, sam desertos: *Qui aedificant sibi solitudines*. Bem dito, que edificao, porq̄ ha duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar por edificaçam. O edificio fas dos desertos Palacios, a edificaçam fas dos palacios desertos. Hú paço ondê se serve a Deos he hú deserto edificado. Paço onde sô Deos se serve, & o mundo sô se contemporiza: ondê a clausura compete com a das Religioes: ondê as galas sam dissimulaçam do cilicio: ondê a licença do galanteo, a liberdade dos sarzos, & outras mal entendidas grandezas sam exercicios de espiritu: ondê sair do Paço pera o noviciado mais he mudar de casa que de vida, Este hermo cortezam nam lhe chamem Paço, chamêlhe deserto: *Qui aedificant sibi solitudines*. Là disse Socrates do Emperador Theodosio segundo, que fora tam religioso Principe, & tam reformador da casa Real, que convertera o Paço em Mosteiro: *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset à Monasterio*. Esta conto eu entre as grandes felicidades do nosso Principe, que Deos guarde, & a tenho ainda por maior, que a do outro Theodosio. O outro Theodosio fella, o nosso achoua: o outro criou esta reformação, o nosso criase nelle. O que grandes fundamentos pera tam grandes

des esperanças ! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantas prerogativas de deferto, que muito, que Deos costumado a se desposar nos desertos o vejamos hoje desposado no Paço? Cessem pois as admiraçoens com as dos Montanheses, rompase o silencio com o de Zacharias, & comecemos a fallar nesta acçam pois nos dà licença o pasmo: *Et apertum est illicò os ejus.*

Verdadeiramente que me vi embarçado no concurso das obrigaçoens de hoje, porque sam todas taõ grãdes, que cada hũa pedia o Sermam todo. Pera nam errar aconselheime com o mesmo Sam Ioam Baptista, & seguirei sua doutrina: *Qui habet sponsam sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet.* Ioan. 3. Eu sou amigo de Christo (dis Sam Ioam ) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assim seja. A festa ferã de Sam Ioam, o dia ferã da Esposa, & o Evangelho se accõmodarã tanto a hũ, & a outro, que pareça que he de ambos. Vamos com elle, sem nos apartar hum ponto.

*Elisabet impletum est tempus pariendi, & peperit filium.* Isabel depois de comprido o tempo dos nove mezes foy mãy de hum filho. Aquella palavra *impletum est tempus*, depois de comprido o tempo, pareceo superflua a alguns Doutores antigos. Nam estava claro que S. Ioam avia de nacer como os outros homês, passado o tempo que a natureza limitou pera o nacimêto? Pois porque dis hũa cousa superflua o Evangelista, que naceo S. Ioam depois de comprido o tempo: *Elisabet impletum est tempus?* O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizem, q̃ q̃m foy superflua esta advertencia senam muito necessaria, suposto que em S. Ioam se anticiparã tâto as leys da natureza, que aos seis mezes de concebido jã tinha vzo de rezam. E quem anticipou o vzo de rezam tantos annos, podia se cuidar que tambem anticiparia o nacimiento alguns mezes. Pois pera que se foubesse, q̃ nam foy assim, diga o Evangelista, que naceo S. Ioam depois de cheo, & comprido o tempo: *Elisabet impletum est tempus.* Esta he a verdadeira intelligencia deste texto; mas quanto mais verdadeira, tanto mais funda a minha duvida. Que se diga que Sam

Ioam naceo comprido o tempo, porque nam anticipou o naci-  
m. to; bem dito esta: mas porque o nam anticipou? Porque nam  
anticipou o tempo do nascimento, assim como anticipou o tem-  
po do vzo de rezam? O vzo de rezam, segundo as leys da natu-  
reza, avia de ser aos sete annos do nascimento, o nascimento aos  
nove mezes da conceçã. Pois se anticipou o vzo da rezam tã-  
tos annos, porque nam anticipou o nascimento algũs mezes? Por  
que o nascimento pertence á vida da natureza, o vzo de rezam  
pertence á vida da graça; & nas materias temporaes o que custu-  
ma fazer o tempo, bem he que o faça o tempo: nas materias espi-  
rituaes o que custuma fazer o tempo, melhor he que o faça a re-  
zam. Pera nacer ao mundo, faça o tempo o que ha de fazer o  
tempo: pera nacer a Deos, o que hade fazer o tempo, façao a re-  
zam. Caminhava Christo de Bethania pera Hierusalem, vio no  
campo hũa figueira muito copada, chegou, & como nam achaf-  
se mais que folhas, amaldiçoou a. E nota o Evangelista S. Mar-  
cós (coufa muito digna de se notar) que não era tempo daquel-  
la arvore ter fruto: *Non erat tempus ficorum*, Marc. 11. Pois va-  
lhame Deos: pasmão aqui todos os Doutores. Se nam era tem-  
po de fruto, pera que o foy Christo buscar? E se o nam achou,  
quando o nam avia, porque castigou a arvore? Se a castigou, ti-  
nha ella obrigaçam de ter fruto. E se nam era tempo, como ti-  
nha este obrigaçam? Tinha esta obrigaçam (dis S. Chrysosto-  
mo) porque ainda que por ser Primavera nam devia fructos ao  
tempo, por Deos se querer servir della deviaos á rezam. E as di-  
vidas da rezam nam ham de esperar pelos vagares do tempo.  
Pera dar fruto ao mundo faça o tempo o que ha de fazer o tem-  
po: *Elisabet implēt um est tempus*; mas pera dar fructos a Deos, o  
que hade fazer o tempo, façao a rezam: *Exultavit infans in utero*.  
Esta he huma das excellencias, que eu venero muito entrẽ  
as grandes do Baptista: ser hum homem em que fes a rezam, o  
que fas nos outros o tempo. Esperarem os annos pela rezam isto  
acontece a todos, mas adiantar se a rezam aos annos, fizera a re-  
zam o que avia de fazer o tempo; isto só se acha no Baptista: se  
bem



bem gloriosamente imitado hoje.

O que gloriosamente equivocado temos hoje o anno: o A' ril mudado em Setembro, & os frutos que avia de amadurecer o tempo, fazonados na rezam! Quem podia fazer outono dos frutos, a primavera das flores, senam a esposa querida de Christo? *Flores apparuerunt in terra nostra tempus putationis adventi?* Cant. 2. Assim obedecem os tépos, onde assim domina a rezam. Que já o mundo, & a vida nam saibão enganar? Que vejamos tantos defenganos da vida em tam poucos annos de vida? Que he isto? He que fes a rezam o que avia de fafer o tempo. Seguirem-se aos annos os defenganos, he fafer o tépo o que fas o tempo: mas anticiparem-se os defenganos aos annos, he fafer a rezam o que o tempo avia de fafer. Queixavase Marco Tulio, que sendo os homés racionaes, pudeffe mais com elles o discurso do tempo, que o discurso da rezam. Mas hoje vemos o discurso da rezam mais poderoso que o discurso do tempo. Que nam bastassem noventa annos pera dar sizo a Helí, 1. Reg. 3. & que bastem dezoito annos pera fafer sezudo a Samuel? O que grande victoria da rezam, contra a semrezam do tempo! Huma velhice enganada, he a maior semrezaó do tempo: Húa mocidade defenganada he a maior victoria da rezam. Que nam corte os cabellos Sara depois de pentear defenganos; 2. Reg. 14. & que os cabellos de Absalam na idade de ouro sintão os rigores do ferro! Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pés de Christo com os cabellos, Luc. 7. mas que os nam corte; & que haja outra Maria que ponha aos pés de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Jacob na primavera dos annos enterre a sua Rachel; Gen 48. he inconstancia da vida: mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma! Grãde valor da rezam. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregar-lha quando elle a dà, he sacrificar a vontade. Quem dedica a Deos os vltimos annos, fas Christam o temor da morte: quem lhe cõsagra os primeitos, fas Religioso o amor da vida.

As batalhas da rezam com os annos he hũa guerra em que  
refstem mais os poucos, que os muitos. Deixaremse vencer da  
rezam os muitos annos, nam he muito: mas deixaremse vencer,  
& convencer os poucos, grande poder da rezam! E mais se con-  
siderarmos a resistencia favorecida do sitio. Poucos annos, &  
nas montanhas (como erão os do Baptista Luc. 1.) nam he tãto,  
que se nam defendão á força da rezaõ: mas poucos annos, & em  
palacio, convencidos, & defenganados! Gram victoria. Offere-  
ceo elRey David a Bercellai hum grande lugar no Paço; & elle  
que era já de oitenta annos, que respóderia? *Octo genarius sum  
hodie non indigeo hac vicissitudine:* 2. Reg. 19. Respondeo que  
assaz tinha aprendido em tantos annos a defenganarse das Cor-  
tes, que o deixasse o Rey viver retirado comfigo, & tratar da se-  
pultura; porem que aceitava o lugar pera hum seu filho que ti-  
nha de pouca idade: *Est servus tuus Chamaam, ipse vadat te-  
cum.* Parece que se implica nesta açcam o amor de pay, mas ex-  
plicase bem o engano do mundo. Defenganarão a Bercellai os  
muitos annos proprios pera nam querer o Paço pera sy, & enga-  
narão os poucos annos alheos pera querer o Paço pera o filho.  
Nam sey que tem o Paço, & os poucos annos, que ainda quan-  
do o conhecem os muitos, nam se atrevê ao deixar os poucos.  
Teve conhecimento pera o deixar hum velho, nam teve ani-  
mo pera o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o  
conselho, que o exemplo, deu o exemplo Bercellai, mas nam se  
atreveo a dar o conselho. Antes parece que se sustituiu a pay  
nos annos do filho, pera lograr na mocidade alhea, o que na pro-  
pria velhice nam podia. E q̃ nam avendo valor na velhice pera  
deixarê totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mundo  
deixa: que haja resoluçam na mocidade pera meter o mundo  
debaxo dos pés, quem o mundo trazia na cabeça! O que bem se  
defafronta hoje a natureza humana. Lã dezia S. Paulo: *Mibi  
mundus crucifixus est, & ego mundo,* Ad Gal. O múdo está cru-  
cificado em mĩ, & eu estou crucificado no mundo. Se o mundo  
estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas  
pera

pera Paulo: se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Paulo viradas as costas pera o mundo. E q̄ dè eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas, nam he muito. Mas q̄ quando o mundo me mostra bom rosto, dé eu de rosto ao mundo, esta he a valentia maior. Que quando o mundo se rî de vós, vós choreis por elle, ô fraqueza! Mas que quando o mundo se rî pera vós, vós vos riais delle, ô valentia!

He tam grande valentia esta, que sendo propriedade das forças da rezam nam fiou S. Paulo o credito della, senão dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyfes, & dis assim: *Moyfes grandis factus negavit se esse filium filie Pharaonis, magis eligens affligi cum populo Dei, &c.* Ad Hæb. 11. Moyfes depois q̄ foi de maior idade, deixou o Paço del Rey Faraó, deixou a Princesa, deixou quanto alî possuia, & esperava; escolhendo viver pobre, & sem liberdade, com o povo de Deos no captiveiro do Egypto. O em q̄ reparo aqui he, no *grandis factus*: que fes isto Moyfes depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? S. Paulo tratava da resoluçam, & nam dos annos de Moyfes. Pois se a resoluçam estava no animo, & nam nos annos, porque dis q̄ era de maior idade Moyfes, quando deixou o Paço, & se cativou por Deos? Direi. Moyfes criarse no paço del Rey Faraó desde minino, era todo o mimo, & favor da Princesa do Egypto, q̄ o adoptara por filho, & como tal era servido, & venerado com authoridade, & magnificencia real. E deixar Moyfes a grandeza, & regalo do Paço, deixar o amor de hũa Princesa, deixar a cercania de huma coroa, pareceolhe a S. Paulo q̄ nam era façanha creivel em poucos annos; por isso ajuntou a resoluçam com a idade, pera q̄ a idade desse credito á resoluçam: *Moyfes grandis factus*. Como se dissera. Ninguem duvide esta galharda açã de Moyfes, porq̄ quãdo a fes, era já de maior idade, bê cabia nos seus annos. Ora seja embora a resoluçam de Moyfes victoria do tẽpo, q̄ a grande açã, q̄ nõs celebramos hoje, com ser tamparecida em tudo o mais, nam se pode gloriar della o tẽpo, se nam a rezam. Obrou aqui a força da rezam, o que lá fes o

poder do tempo: *Elisabet h impletum est tempus.*

*Et audierunt vicini, & cognati ejus quia magnificavit Deus misericordiam suam cū illa.* Tanto q̄ naceo S. Ioão (dis o Evangelista) soouse logo pelo lugar, q̄ engrandecera Deos sua misericordia com S. Izabel: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.* Notavel dizer! Parece q̄ nam estã boa a consequencia do texto. O q̄ soou pelo lugar, avia de ser o que succedeo em casa de Zacharias. Succeder hũa cousa, & soar outra, isso acôtece nas Cortes lisongeiiras, & maliciosas, & nam nas montanhas simples. O nosso Evãgelho o dis: *Divulgabãtur omnia verba hæc:* q̄ o que se divulgava, era o mesmo q̄ succedia. Pois se o q̄ succedeo foi nacer o Baptista: *Elisabet peperit filium;* como dis o Evãgelista, q̄ o q̄ soou foi q̄ engrãdecera Deos sua misericordia: *Et audierūt, quia magnificavit Deus misericordiam suam?* Grande louvor do Baptista! Quãdo as vozes dizião em casa de Zacharias, q̄ nacerã Ioam, repetião os eccos nas montanhas, q̄ Deos engrandecera sua misericordia; porq̄ quando Ioão fae ao mundo, augmentãse os attributos a Deos: quando Ioam nace, Deos crece. Não he arrojamento, senam verdade muito chãa. Disseo o mesmo S. Ioam, & mais fallava em seus louvores cõ grande modestia: *Illū oportet crescere me autem minui,* Ioan. 3. Importa q̄ elle creça, & q̄ eu diminua. Aquelle (elle) nam se refere menos, q̄ ao Verbo humanado. Pois como assim? Deos ainda em quanto humanado nam pode crescer. Como logo dis S. Ioam: *Illum oportet crescere:* importa q̄ elle creça? E dado q̄ podesse crescer, q̄ dependẽcia tihão os crecimẽtos de Deos, das diminuições do Baptista? Deos he grãde sem depẽder de ninguem. Como dis logo: *Illum oportet crescere, me autẽ minui:* importa crescer elle, & diminuir eu? He possivel crescer Deos? E he possivel, q̄ o seu crescer dependa do Baptista? Sı. Porq̄ ainda que Deos, por ser infinito, não pode crescer em sy mesmo, por ser limitado o conhecimẽto humano, pode crescer na nossa estimaçam. E na estimaçam dos homẽs, nẽ Deos podia crescer sem diminuir o Baptista, nẽ o Baptista podia diminuir sem Deos crescer. Ora vede como. O cõceito q̄ os homẽs

mês fazião de Deos antiguamête, era tal, q quando o Baptista appareceo no mûdo, assentarão q elle era Deos. Conforme esta resolução lhe forão offerecer adorações ao deserto, onde o mesmo S. Ioam os defenganou. Matth. 11. E como o mesmo Baptista, & Deos, na opiniam dos homês, erão iguaes; tâto que por seu testemunho se desfes esta opiniaó: necessariamête creceo Deos, & o Baptista diminuió. Diminuió o Baptista, porq ficou menor que Deos: creceo Deos, porque ficou maior que o Baptista. De forte, q depois que o Baptista veio ao mundo, ficou Deos, pera com os homês, maior do que dantes era: porque dantes era como o Baptista, depois começou a ser maior que elle Dóde se infere, em grande louvor deste grande Santo, q a medida do Baptista he ser menor q Deos, & a medida de Deos he ser maior q o Baptista. Nam tenho menos abonado fiador, que S. Agostinho: *Quisquis Ioannē plus est non tantūm homo, sed Deus est.* Sabeis quem he Ioam? he menor que Deos. Sabeis quem he Deos? he maior que Ioam. Com esta differença; porem, que em quanto S. Ioam o nam disse, erão iguaes; depois que o testemunhou começou Deos a ser maior. Que muito logo, que creça Deos nos seus attributos, quando S. Ioam nace no mundo? *Et audierunt quā magnificavit Deus misericordiam suam.*

Destá maneira creceo Deos naquelle tēpo, & també eu hoje, se a cõsideraçam me nam engana, o vejo muito crecido. Entam creceo nas minguanes de Ioam, hoje crece nas minguanes do mûdo. Appareceolhe a Nabucodonosor aquella taõ repetida, & taõ prodigiosa estatua; & vio o Rey, q tocadolhe hũa pedra nos pês de barro, a estatua se diminuió a poucas cinzas, & a pedra creceo á grandesa de hũ môte: *Factus est mons magnus, & replevit terrā.* Dan. 2. Pera entēder esta figura, q he enigmatica saibamos quē era a pedra, & quem a estatua. Em sentido de S. Ambrosio, & S. Agostinho, a estatua era o mundo, a pedra era Deos. Pois se a pedra he Deos, como crece a pedra? Deos pode crescer? E se a estatua he o mundo como diminue a estatua? O mûdo diminuesse? tudo sam effeitos da estimaçã dos homês. Segundo a esti-

estimaçam q̄ fazemos de Deos, & do mundo, ou crece a estatua, & diminue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se poms a Deos aos pês do mundo, crece o mûdo, & diminue Deos, se poms o mundo aos pês de Deos, crece Deos, & diminue o mundo. Deixar a Deos por amor dos nada do mundo, he fafer a Deos menor que nada: mas deixar o tudo do mûdo por amor de Deos, he fafer a Deos maior q̄ tudo. *Accedet homo ad coraltum, & exaltabitur Deus, Pf. 66.* Bemdito seja elle, q̄ de quantas veses vemos a Deos tam pequeno, & tam apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje tam grãde, & tam crecido! Tam crecido, & tam acrescentado estã hoje Deos em sua grandeza, quãtas sam as grandezas do mundo q̄ vemos a seus pês arrojadas. A estatua de Nabuco, na estatura representava grandezas, na materia riquezas, na significação estados, & tudo isto abraçado em fogo do coraçam se rende hoje em cinzas aos pês de Christo. Ninguem melhor sacrifica a Deos o mundo, q̄ quem lho offerece em estatua. Porq̄ o mundo em estatua he muito maior q̄ sy mesmo. Pera derrubar com hũa pedra ao Golias bastou a funda de David, 1. Reg. 17. Pera derrubar com outra pedra a estatua de Nabuco forão necessarios impulsos (posto q̄ invisiveis) do braço de Deos, Dan. 3. O Golias tinha de altura seis covados, a estatua tinha sessenta; q̄ nas grandezas mais pomposas do mundo sempre sam maiores os Gigantes q̄ as estatuas. Nunca as machinas vivas igualão a medida das sonhadas. Sonha a fantezia, promete a esperãça, profetiza o desejo, representa a imaginaçam: & ainda q̄ a soltura destes sonhos, o comprimento destas promessas, o prazo destas profecias, a verdade destas representações nũca chegão; mais triumpho o amor divino, quando piza o fantastico, q̄ o verdadeiro: o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir, he v̄sura de merecer, porq̄ quem mais dá, mais merece, & quem dá os bens na esperança dá os onde sam maiores. A melhor parte dos bês desta vida he o esperar por elles: logo mais fas quem se inhabilita pera os esperar, q̄ quem se priva de os possuir. Por isto Christo chamou os Principes dos Aposto

22  
los quando lançavão as redes, & não quãdo a as recolhião: *Mittentes rete in mare.* *Matth. 4.* Porq̃ mais fas quem deixa as red's lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lanção levão em cada malha hũa esperança; os lanços quãdo se recolhem trazem muita rede vazia.

O quantas, & quam bem fundadas esperanças, ô quantas, & quam bê entendida grandefas honrão hoje em piadoso sacrificio os altares de Christo! Dezia S. Paulo aos Romanos, q̃ ningũe pode dar a Deos senam o q̃ Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tam engenhosamente liberal, q̃ avendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do q̃ Deos lhe deu. Nam ha duvida, q̃ dos bens temporaes mais liberal he o mundo em suas promessas, q̃ Deos em suas liberalidades. Nam costuma Deos dar tanto, quanto o mũdo costuma prometer. Bem se segue logo, q̃ mais dá a Deos quem lhe dá as promessas do mũdo, q̃ quem lhe torna as dadivas suas. Se dais a Deos o q̃ Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o q̃ o mundo vos promete, dais muito mais. O quanto liberal estã com Deos, quem dando-lhe as maiores grãdesas, ainda busca artificios de lhas dar acrescentadas! E q̃ artificio pode aver pera acrecetar os bens, & grãdesas do mundo? Eu o direi: Que nos exêplos desta açcam nam se pode deixar de aprender muito. Os bens, & grandefas do mũdo falsamente se chamão bens, porq̃ sã males, & sem rezam se chamam grandefas, porq̃ sã pouquidades. Pois q̃ remedio pera faser das pouquidades grandefas, & dos males bês? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças; porq̃ effes, q̃ o mũdo chama grandes bês, sã sã bens quando se deixão, sã sã grandes quãdo se esperão. A esperança lhe dá a grandefa, o desprezo lhe dá a bondade: desprezados sã bês, esperados sã grandes. E assim: mais dá quem despreza o q̃ espera, q̃ quem dá o q̃ pessue. De hũas, & outras: de possuidas, & de esperadas grãdesas, sã despojos as cinzas, q̃ hoje se rēdem aos soberanos impulsos daquella pedra divina. O como desaparece a estatua! O como crece o monte! De nossas diminuições augmēta Deos suas grãdesas,

desas, de nossos despresos sua Magestade.

Lá vio S. Ioam no Apocalipse aquelles vinte & quatro anciãos, q̄ tirádo as coroas das cabeças, as lançavão aos pés do throno de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronū.* Apoc. 4. Tornou a olhar o Evangelista, & vio, q̄ Deos tinha muitas coroas na cabeça: *Et in capite ejus diademat a multa,* Apoc. 9. Pois se as coroas se lançavão aos pés de Deos, como tinha Deos as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua grandesa, quãto desprezaõ os homẽs por seu amor. As coroas na cabeça de Deos erãõ augmentos de sua grãdesa: as coroas aos pés de Deos eram despresos do amor dos homẽs; & có as mesmas coroas, q̄ arrojava o desprezo humano, se authorisava a Magestade divina: porq̄ tãto crece Deos nos augmentos de sua grãdesa, quantas sãõ as grandesas, q̄ põe aos pés de Deos nosso amor. Digase logo, que creceo, & se engrandeceo Deos hoje duplicamente: huma vez medio com S. Ioam, outra vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, & ser preferido a Ioam, he crescer muito Deos em sua estimaçãõ, & engrandecerse muito em seus attributos: *Quia magnificavit Deus misericordiam suam.*

*Et venerunt circumcidere puerum.* Vierãõ circuncidar o menino. Suposto q̄ o menino era S. Ioam parece que o não aviãõ de circuncidar. A circuncisãm naquelle tempo era o remedio do peccado original, se estava em graça de Deos, & santificado nas entranhas de sua mãy, porq̄ se fogeita ao rigor da circuncisãm? Porque ainda q̄ a circuncisãm nam lhe tirava o peccado original, de q̄ estava livre, acrécentavalhe a graça da justificaçãõ có que nacera santificado. E esta he nos servos de Deos a maior fineza da virtude, fogeitarse a tomar pera augmento da graça, os rigores, que Deos deixou pera remedio da culpa. A circuncisãm nos outros homẽs era remedio da culpa, em S. Ioam era sô augmento da graça; & fogeitarse S. Ioam pera maior graça, nas izenções de innocẽte aos remedios de culpado! Grande acçãõ: grande sacrificio. Falla Zacharias à letra do maior sacrificio da ley da Graça, o Santissimo Sacramento da Eucharistia, &



dis affim: *Quod bonum ejus, & quod pulchrum ejus, nisi frumentum electorum, & vinū germinans Virgines?* Zach. 9. Que coufa fes Deos boa, que coufa fes Deos fermosa neste mundo, senão o pam dos escolhidos, & o vinho dos castos? Que seja bom, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramentado, nam averâ quem o negue. Mas q̄ diga o Profeta, que nam ha outro tam bom como elle: *Quod bonum ejus, & quod pulchrum ejus?* Nam fei como o avemos nòs de cõceder. E pera q̄ nam vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Crus, nam he tam bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmête. Pois por q̄ dis Zacharias, q̄ o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he <sup>melhor</sup> q̄ todos? A rezam da ventagem eu a darei. O sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Crus foi sacrificio pera remedio de peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio pera augmento de graça. Ainda que em Christo nam avia peccados proprios, nem merecia graça pera sy, tinha cõ tudo tomado por sua conta a satisfacçam de nossos peccados, & os meios de nossa justifiacçam. E q̄ sacrifique tanto Christo na Eucharistia pera augmento da graça, quanto sacrificou na Crus pera remedio da culpa! q̄ empenhe corpo, & sangue pera augmentar merecimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue pera alcançar perdaõ ao peccado! he circumstãcia de sacrificio tam relevante esta, que da mesma identidade tira differenças, & da mesma igualdade ventagês: *Quod bonū ejus, & quod pulchrum ejus?* Tal foi o acto da circuncisaõ do Baptista comparada com a dos outros filhos de Adam. O corpo, & sangue, que os outros derão ao golpe da circuncisam, pera remedio da culpa, deu o S. Ioam (que a nam tinha) sò pera augmentos da graça, & que se sacrifique hum innocente, pera crescer na graça, ao que está sogeito o peccador pera remediar a culpa! Grande açam do Baptista. Mas nam foi sua sò esta ves, nem sua sòmente.

Duas innocencias temos hoje sogeitas aos remedios da cul-

pa: ambas condenadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia, q̄ taes injustiças como estas sabe fazer o Amor Divino. Cõdena innocencias como culpas, castiga merecimẽtos como delitos. Que fação grande penitencia os grandes peccadores, he muito justo: q̄ a penitencia he remedio do peccado. Mas que o Baptista se desterre ao deserto, se condene ao cilicio, se castigue com o jejum; minino, em q̄ peccou vossa innocencia? Hum corpo delicado condenado a tanta aspereza! Húa alma innocente castigada com tanto rigor! Se o Baptista fora o maior peccador, q̄ avia de fazer senam isto! Mas isto fes, porq̄ avia de ser o maior Santo. Nam pode chegar a mais o mais fervoroso desejo da santidade, q̄ fogeitar-se aos remedios do peccado quem goza os privilegios da innocẽcia. Encarece S. Paulo o amor de Christo pera com os homẽs, & dis desta maneira aos Corinthios: *Qui peccatum non noverat pro nobis peccatum fecit.* Amou o Filho de Deos tanto aos homẽs, q̄ nam tendo conhecimento de peccado, se fes peccador por amor delles. Estranha sentença! Christo nam era innocentissimo, antes a mesma innocencia? Por rezam da vniam ao Verbo sua alma nam era impeccavel? As mesmas palavras o dizẽ, *qui peccatum non noverat.* Pois como pode çaber delito na innocẽcia: como pode ser, que o impeccavel se fizesse peccador? *Pro nobis peccatum fecit?* Respondo. O impeccavel nam se pode fazer peccador de culpas, mas pode se fazer peccador de penas. Nam pode cometer peccado quanto á culpa, m̄s pode se fogeitar à pena do peccado como se o cometera. Isto he o q̄ fes Christo por amor de nõs, & isto he o q̄ muito encarece S. Paulo em seu amor: *Qui peccatũ non nouerat pro nobis peccatũ fecit.* Não pode o amor chegar a maior extremo, não se pode adelgaçar a maior fineza, q̄ a fazer-se peccador nas penas que he innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de pennas, busca na penitencia o remedio de seu peccado: mas fazer-se peccador de pennas o innocente de culpas, he buscar na penitencia o desafogo de seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: naquelle pello q̄ ofendeo, neste

neſte pelo que ama: vede quaes agradaram mais a Deos, ſe as ſatisfaçoẽs do offerido, ſe as obrigaçoens de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor! conſenti os termos da igualdade quanto entre o divino, & humano ſe permite, pois vemos hoje as finezas de voſſo amor competidas, como as dividas de noſſa obrigaçam deſempenhadas. Hũa alma innocente de culpas, mas peccadora de penas, huma innocencia em habito penitente vos offerece hoje a terra, eſpoſo do Ceo; que eſtas ſam as cores de voſſo penſamento, eſtas as galas de voſſo amor, eſtas as purpuras do voſſo Reyno: *Filia Babilonis induuntur purpura, & biſſo*, (dizia S. Bernardo em ſemelhante acçam à Virgẽ Sofia) *& ſubinde conſcientia pannosa jacet: fulgent monilibus, moribus ſordent. E contra tu, foris pannosa, intus speciosa reſplendes. ſed divinis aſpectibus nõ humanis: intus eſt quod delectat, quia intus eſt quem delectat.* Nem a romancear me atrevo eſtas palavras, porque em tanta differença de eleiçoẽs, ou ſe hade topar com o aggravado, ou com a liſonja. *E cõtra tu* (ſõ isto quero repetir) *foris pannosa, intus speciosa reſplendes.* Pello contrario vós, õ eſpoſa de Chriſto (dis S. Bernardo) como dentro tendes a quem quereis aggradar, por dentro trazeis as galas: por fora veſtida de ſayal, por dentro de reſplandores: *Foris pannosa, intus speciosa reſplendes.* Verdadeiramente, q̃ quando reparo neſtas palavras me parece q̃ vejo já ſinaes do dia do Juizo. Hum dos ſinaes do dia do Juizo ſerã (como dis S. Ioam no Apoc. 6.) veſtirſe o Sol de cilicio: *Sol factus eſt niger tanquam ſacus cilicinus.* E ſe já vemos veſtido de cilicio o Sol, ſe mortificadas ſuas luzes, ſe penitentes ſeus reſplandores, debaixo da aſperesa de tam groſſeiros eclipſes, q̃ avemos de dizer? Que ſe acaba o mûdo? Que he chegado o dia do Juizo? Com muita propriedade ſe pode dizer aſſim; porq̃ melhor merece o nome de dia do Juizo aquelle em q̃ o mûdo ſe deixa, q̃ aquelle em q̃ o mûdo ſe acaba. Quanto mais, q̃ tambem ſe acaba o mûdo pera quem acaba com elle. Como cadahũ de nõs tem o ſeu mundo, o vniverſal acaba cõ todos, o particular acaba com cadahũ. E que muito q̃ ſe vejam

linaes do dia do Juizo em huma alma pera quem hoje se acaba o mundo? Mas perguntara eu ao Sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Nam, que o fes innocente a natureza. Pois porque? Pera os olhos do mundo pòr luto, pera os olhos de Deos pòr gala. Vestese de penitencia o Sol sendo innocente, porque nam ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, que hũa innocencia illustre em habito de penitencia.

Aquellas pelles de que Deos vestio aos primeiros senhores do mundo, estavão lhe muito mal a Adam, mas estavão lhe muito bem a Abel. A Adam estavão lhe muito mal, porque erão habito de peccado com penitência, a Abel estavão lhe muito bem, porq̃ erão habito de penitencia sem peccado: Gen. 3. Em Adam erão habito de penitenciado, em Abel erão habito de penitête. Esta grande differença ha entre a penitencia dos peccadores, & a penitencia dos innocêtes; q̃ a penitencia dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocêtes he virtude. Nam quero dizer, que os actos de penitencia no peccador, & no innocente nam seião virtuosos sempre. Sô digo, q̃ os peccadores tomão a virtude da penitencia pelo q̃ tem de remedio, os innocêtes tomão o remedio da penitencia pelo q̃ tem de virtude. Donde se segue: que a penitencia honra os peccadores, os innocêtes honrão a penitencia. A penitencia honra os peccadores, porq̃ lhe tira a afronta do peccado, os innocêtes honrão a penitencia porq̃ lhe tirão a mistura de remedio. O ditoso Baptista, ô ditosa alma imitadora vossa: ambos em habito de penitentes, & ambos honradores da penitencia. Ditosos vós q̃ fazeis trofeos de vitoria os instrumentos do desagravo, & gozais a prerrogativa de penitentes, sem o desar de arrependidos. Em vós he virtude o que nos outros he remedio, em vós eleiçam o que nos outros necessidade. Sô em vós nam he remedio do peccado a penitencia, sendo que sô a vossa penitencia poderâ ser remedio do peccado. Porq̃ offensas nam merecidas, quaes sam as de Deos, sô se pagão com castigos nam merecidos, quaes sam os dos innocêtes. O merecimento offendido sô o pode satisfazer, a innocencia castigada.

O que

O que grande sacrificio pera Deos! O que grãde lisonja pera o Ceo! Lá disse Christo, que fas maior festa o Ceo ao peccador penitente, que ao justo sem penitencia. Pois se a innocencia do justo agrada muito, & a penitencia do peccador agrada mais; quanto agrada aquelle excellente estado, que abraça a perfeiçam de ambos, & ajunta a penitencia de peccador com a innocencia de justo? Isto he o que fes o Baptista hoje na circuncisaõ, sojeitando izençoês de innocencia a remedios de peccado: *Et venerunt circuncidere puerum.*

*Et vocabãt eum nomine patris sui Zachariam.* Feito o acto da circuncisaõ tratouse de dar nome ao menino, & querião os circũstantes, q se lhe puzesse o nome de seu pay, & q se chamasse Zacharias. Ouvio isto S. Isabel, & disse: *Nequaquam*, por nenhũ caso: nam se ha de chamar assi. E porq rezam? Porq nam se ha de chamar Zacharias o filho de Zacharias? Nam era nome santo? Nam era nome illustre? Nam era nome authorisado? Nam era nome glorioso? Sy era, mas era nome de pay: *Vocabãt eum nomine patris sui.* E o nome dos pays quãto mais illustre, quãto mais glorioso, tãto menos o hade tomar quem professã servir a Deos, como professava o Baptista. No nome perpetuase a memoria dos pays: na Religiam professase o esquecimento delles: *Obliviscere populum tuũ, & domũ patris tui.* Pf. 44. E como o Baptista avia de ser (como foi) primeiro fundador, & exemplar de Religiosos; nam quis prudente S. Isabel, q tomasse o nome de Zacharias; porq nam era justo, q conservasse a memoria dos pays no nome, quem professava o esquecimento dos pays na vida. Quereis q se chame Zacharias, porq he nome de seu pay? Alegais contra vós. Antes porque he nome de seu pay, se nam hade chamar assi: *Vocabant eum nomine patris sui Zachariam, & ait mater ejus nequaquam.* Que grãdemente imitado, se bem em parte excedido vemos hoje este exemplo do grãde Baptista. S. Lucas, porque escrevia pera a memoria dos futuros, deteve se neste lugar em contar a genealogia dos pays de S. Ioam; eu que fallo aos olhos dos presentes, não me he necessario determe em

tam sabido, como tambem me nam fora possivel em tam grandioso assumpto. Muito fes quem deixou o nome de Zacharias, authorisado alsim cõ huma teara, mas muito mais fas que deixa o gloriosissimo nome de Gusmaõ (glorioso no ceo, & na terra) cujo real, & esclarecido sangue se teceo sempre nas purpuras de toda Europa; & hoje cõ mais gloria, q̃ em nenhum outro Reyno (posto q̃ com igual magestade em tantos) o vemos felicemente coroadado, & veremos em immortal descendencia, no nosso de Portugal. Este he o famosissimo em todas as idades: o eminentissimo em todas as pessoas: o assinaladissimo em todas as empresas: o celebradissimo em todas as historias, nome de Gusmaõ; & este he o q̃ hoje vemos deixado pelo humilde da Crus. Nam sei se admire nesta eleiçã o virtuoso, se o discreto? Em fim a virtude, & o entendimento tudo me parece Angelico.

Quãdo os Anjos no sepulchro de Christo, perguntarão às Marias o q̃ buscavão, vzarão de differentes termos (segundo di versos Evãgelistas.) O Anjo de S. Matheus perguntou se buscavão a Iesu crucificado: *Iesú, qui crucifixus est, quæritis*. Mat. 28. O Anjo de S. Marcos perguntou se buscavão a Iesu Nazareno crucificado: *Iesum quæritis Nazarenum crucifixum*, Marc. 16. Pois se o Anjo de S. Marcos chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado; porq̃ rezam o Anjo de S. Matheus lhe chamou Iesu crucificado sõmente, & nam fallou no Nazareno? O melhor comentador dos Evãgelistas, o doutissimo Maldonado, notou advertidamente, q̃ o Anjo de S. Matheus appareceo como Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareceo como homẽ: *Mattheus Angelum, Marcus hominem appellat*. He do texto. Porque S. Matheus dis assi: *Angelus Domini descendit de Cælo, qui dixit mulieribus*: Hũ Anjo do Senhor deceo do Ceo, que fallou às mulheres. E S. Marcos dis assi: *Intrantes monumentum viderunt juvenem sedentem*. Entrando no sepulchro virão hũ mancebo afentado. E como o que fallou às Marias em S. Marcos, era homẽ, & em S. Matheus era Anjo; por isso o de S. Marcos chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado, & o de S. Matheus chamou

lhe

lhe Iesu crucificado somente, & nam fallou no Nazareuo. Ora notai. Entre o Nazareno, & o crucificado avia esta differença em Christo; que o Nazareno era nome dos pays, o crucificado era nome da Crus: & antepor o nome de Nazareno ao de crucificado, antepor o nome dos pays ao nome da Crus, isso fazem os Anjos, que são como homes, mas tomar o nome de crucificado, & callar o de Nazareno, tomar o nome da Crus, & deixar o nome dos pays, isso fazem os Anjos, que são como Anjos. O Anjo de S. Marcos, que fallou como homê da terra: *Viderūt juvenem sedētē*: antepos o nome dos pays ao nome da Crus: *Iesum qui eritis Nazarenū crucifixū*. O Anjo de S. Mattheus, que fallou como Anjo do Ceo: *Angelus Dñi descendit de Cælo*: tomou o nome da Crus, & deixou o nome dos pays: *Iesum qui crucifixus est qui eritis*. O discriçam mais que humana! O eleiçam verdadeiramente Angelica! Sei eu que as Marias ouvirão os Anjos, mas nenhũa dellas aprêdeo a mudar o nome. Maria Magdalena nam se chamou da Crus, senam Magdalena: Maria Cleofé nam se chamou da Crus, senam Cleofé. Nam souberão deixar o nome dos pays, & tomar o da Crus aquellas Marias, porque estava este religioso primor guardado pera outra, que na devação avia de vencer as Marias, & na discriçam igualar os Anjos.

Mas assim como em casa de Zacharias se levantou questam sobre o nome do Baptista; assim he bem que a tenhamos hoje a qui sobre este nome da Crus. Quem lá contradise o nome de Ioam forão as pessoas mais authorisadas, que assistião à celebridade da festa: *Qui venerant celebratis gratia*: comenta o Cardeal Toledo. Quem aqui impugnará o nome da Crus, será tambem a pessoa mais authorisada, que assiste à celebridade da festa, que he quem? Christo Sacramentado. E assim como là dizião que nam se avia de chamar Ioam senam Zacharias: assim çà dis Christo, que não se avia de chamar da Crus, senam do Sacramêto. Nam he imaginação sem fundamento minha, he acomodação verdadeira tirada com toda a propriedade, do texto. O nome q' là querião dar ao Baptista era Zacharias. E Zacharias que quer

quer dizer? Quer dizer: *Memoria Domini*: A memoria do Sen-  
hor. Isso mesmo he o Santissimo Sacramento da Eucharistia.  
He a memoria do Senhor, q̄ elle nos deixou por prendas em sua  
ausência: *Hæc quotiescumq̄ feceritis in mei memoriam faciet is*.  
Estâ fundado. Agora pergũto eu. E q̄ rezam tem Christo Sacra-  
mentado pera dizer, q̄ nam quer q̄ o nome seja da Crus, senam  
do Sacramento? A rezam he muito forçosa. Porq̄ professar Re-  
ligiam mais he Sacramentarse, q̄ crucificarse. Todos os Sanctos  
cõmummente chamãõ Crus ao estado Religioso; mas cõ licen-  
ça sua eu digo, q̄ o estado Religioso tem mais do Sacramento, q̄  
da Crus. A rezam em que me fundo he esta. Porq̄ na Crus mor-  
reo Christo huma sô ves; no Sacramento morre todos os dias.  
O sacrificio da Crus foi cruento, mas foi vnico; o sacrificio do  
altar he incruento, mas he quotidiano.

A maior fineza do amor he morrer: *Maiores in charitate nemo habet*; Ioan. 15. mas tem hum grãde de far esta fineza, q̄ quem  
a fas nam pode fazer outra. He a maior fineza, mas he a vltima.  
E como Christo amava tam extremamente aos homẽs, & via q̄  
morrendo na Crus se acabava a materia a suas finezas; que fes?  
Inventou milagrosamente no Sacramento hum modo de mor-  
rer sem acabar, pera morrendo poder dar a vida, & nam acabã-  
do poder repetir a morte. Esta he a ventagem, q̄ leva em Chisto  
o amor, que nos mostrou no Sacramento, ao amor que nos mos-  
trou na Crus. Na Crus morreo huma ves; no Sacramento mor-  
re cada dia: na Crus deu a vida; no Sacramẽto perpetuou a mor-  
te. A Eiposa, como quem melhor as sabe avaliar, nos dirã a ver-  
dade desta fineza: *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infer-  
nus emulatio*, Cant. 8. O amor, se he grande (que isso quer dizer  
*dilectio*) he como a morte; & se he maior (que isso quer dizer  
*emulatio*) he como o inferno. Notavel dizer! Porq̄ rezam com-  
para Salamã o amor grãde à morte, & o amor maior ao infer-  
no? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta differença. q̄  
a morte tira a vida, o inferno perpetua a morte. Por isso o amor  
grãde se compara á morte, & o maior ao inferno; porque mais he



he perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida he morrer huma ves; perpetuar a morte he estar morrendo sempre. Eis aqui a desigualdade do amor de Christo na Crus, & no Sacraméto. Cópétio o amor de Christo no Sacraméto, & o amor de Christo na Crus; o da Crus foi como o da morte, porq̄ chegou a tirar a vida: *Fortis est ut mors dilectio*; o do Sacramento foi como o inferno, porque passou a perpetuar a morte: *Dura sicut infernus emulatio*. E muito mais foi perpetuar a morte, que tirar a vida; porque tirar a vida he morrer num instante, perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a rezam porq̄ o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, q̄ com a Crus. Na Crus morrese huma só ves, no Sacramento morrese cada dia. Sei q̄ disse S. Agostinho, q̄ s̄o os Martyres pagão a Christo a fineza q̄ fes em se deixar no Sacramento, porq̄ morré por quem morre por elles: *Qui accedis ad Mensam Principis debes similia prae parare, hoc beati Martyres fecerunt*. Mas esta rezam de S. Agostinho (dênos licença o lume da Igreja) impugnase facilmente. Porq̄ muitas mortes nam se pagão cõ huma só morte: Christo no Sacramento morre todos os dias, os Martyres morré húa só ves: logo nam pagão os Martyres a Christo no Sacramento. Pois q̄ dirémos a isto? Digo q̄ os Martyres pagão a Christo na Crus, os Religiosos pagão a Christo no Sacramento. Os Martyres pagão a Christo na Crus, porq̄ morré huma ves, por quem huma ves morreo por elles: os Religiosos pagão a Christo no Sacramento, porque morré cada dia por quem morre por elles todos os dias. Ha quem o diga? Nam he menos Religioso, q̄ o exemplar de todos, S. Paulo: *Quotidie morior*: Cada dia morro. De maneira, q̄ assim como Christo no Sacramento inventou hum modo de morrer sem acabar, pera morrendo poder dar a vida, & nam acabando poder repetir a morte; assim os Patriarchas das Religioes (& melhor que todos o Serafico em seu divino instituto) parecendolhe pouco amor nam morrer, & pouca morte morrer huma só ves; acharão este modo milagrosamente natural de viver morrendo, pera na

D

morte



morte multiplicarẽ as entregas da vida, & na vida perpetuarem os sacrificios da morte.

Grande lugar do Protopatriarcha das Religioens S. Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religioes mais estreitas, & dis, q̃ a cella de huma alma religiosa he emula, he competidora da sepultura de Christo: *O cella Dominica sepultura emula!* Pois saibamos; que calidades tem huma cella pera tam noble competencia? Em que presunções se funda esta emulação? Que se cõpare a cella a qualquer sepultura; justa semelhãça: porque onde o habito he huma mortalha, o leito hum ataúde, as paredes tam estreitas, & cõ tam pouca luz, como estas q̃ vemos, muito ha de sepultura. Sepultura sim: mas sepultura nam outra, senam a de Christo; porq̃ rezam? Porq̃ nas outras sepulturas mora sô a morte, na sepultura de Christo morou a morte, & mais a vida jũtas. Na sepultura de Christo esteve a vida morta, & a morte resuscitada: & taes sam as vossas cellas, ô religiosos spiritos. *O cella Dominica sepultura emula, quæ mortuôs suscipis, & reviviscere facis.* O cella verdadeiramente imitadora da sepultura de Christo, pois estã em ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta. porq̃ nam tem vsos a vida; a morte resuscitada, porq̃ tem alentos a morte. Es hũa suspenção gloriosa de morte, & vida (se bem gloriosa com pena) onde posta a alma nas rayas do viver, & morrer participa indicifamente o mais riguroso de ambas; insensivel, como morta, pera o gostoso da vida. sensitiva, como viva, pera o penoso da morte. Em ti se vé multiplicado o m̃siagre natural da Feniz, sendo patria, & sepulchro quotidiano, onde se morre a vida, & se nace a morte, faltando cinzas, mas nam faltãdo incendios. Em ti (& com maior propriedade hoje) se vé verdadeira a metafora dos orizontes, sendo oriente, & occaso juntamente, onde o Sol no mesmo instãte morto, & nacido resuscita a hum emisferio quãdo se sepulta a outro. Em ti finalmente (cõ seres a melhor parte do paraíso) se vé sem fingimento a fabula do inferno, sendo cada Religioso spirito hum Ticio em bêaventurança de penas, q̃ nam podêdo morrer pera

morrer.

morrer mais véses, tẽ morta a vida, & imortal a morte: *Semper renascens non perit, vt possit saepe perire.* Nam he muito, q̃ ache eu cõparaçoẽs nõ inferno ao maior sacrificio, quando no inferno as bulcou a alma santa ao maior Sacramento. De hũ, & outro se pode dizer cõ grãde semelhãça: *Dura sicut infernus amulatio.* E como o sacrificio da Religiãõ por ser morte perpetuada, se pa rece mais com o Sacramẽto, q̃ cõ a Crus, sendo o officio dos nomes declarar a essẽcia das cousas; parece q̃ quẽ professã Religiã nam se deve chamar da Crus, senam do Sacramẽto: *Et vocabant eũ nomine patris sui Zachariã, hoc est, memoriã Domini.*

Cõ tudo responde S. Isabel: *Nequaquam.* Por nenhũ caso. E cõ muita rezam. Porq̃? Pella mesma, q̃ o persuade. Porq̃ se o nome do Sacramẽto dis tudo o q̃ ha no estado Religioso, & o nome da Crus dis menos, pelo mesmo caso se deve tomar o nome da Crus, & nam o do Sacramẽto. Na eleiçam dos nomes ha hũa differença tomada dos fins porq̃ se elegẽ: os nomes, q̃ se tomãõ por verdade dizẽ tudo, os q̃ se tomãõ por vaidade dizẽ mais, os q̃ se tomãõ por humildade dizẽ menos. E como a mesma humil dade, q̃ desprezou a grãdeza dos nomes paternos, foi a que fes a eleiçam do nome Religioso; por isso cõ discreta impropriedade escolheo o nome diminutivo da Crus, em q̃ he mais o q̃ se calla, q̃ o q̃ se dis. Como respondo a Christo Sacramentado, cõ o mes mo nome do Sacramẽto quero cõfirmar a repostã. O Sacramẽto do altar chama se corpo, & sangue de Christo. Esse nome lhe deu o mesmo Senhor: *Hoc est corpus meũ. Hic est calix sanguinis mei.* Pergũto: & ha no Sacramẽto mais algũa cousa? Na alma, & ha divindade. Pois se no Sacramẽto nam sõ estã corpo, & san gue, senam tambẽ alma, & divindade, porq̃ se nam chama cor po, & alma, sangue, & divindade de Christo, senãõ corpo, & san gue sõmente? Porq̃ este nome deu o Christo ao Sacramento na hora em q̃ se quis mostrar mais humilde. A hora em q̃ Christo se mostrou mais humilde foi a mesma em q̃ instituio o Sacramẽto de seu corpo, & sangue, dispondo aos Apostolos cõ a pureza do lavatorio: & a sy com a humildade de lhe lavar os pès. E como

Christo pos o nome a este misterio cõ advertências de humilde, por isso declarou sõmente o menos, que nelle avia os nomes, que compõe a humildade sempre callão mais do q̃ dizẽ. O que dis he corpo, & sangue; o q̃ calla, he alma, & divindade. O mesmo passa no nosso caso: que ainda, que se nam tomou o nome ao Sacramẽto, seguiu selhe o exẽplo. Deixase o nome do Sacramẽto, porque dis menos; q̃ se preza o verdadeiro amor, do q̃ he, & nam do q̃ significa. Bastelhe à Religiam ser Crus, *ex vi verborũ* ainda q̃ seja muito mais, *per concomitantiam*. Tam justo foi logo deixarse o nome de Zacharias quãto à significaçam, como quanto á realidade: *Et ait mater ejus nequaquam.*

Acaboufenos o thema; & se me nam engano tenho ponderado todas as clausulas delle, cõ alguma semelhãça às obrigações deste dia. Mas tambẽ vejo q̃ repararãõ os mais coriosos em que passei em silẽcio aquellas palavras: *Audierũt vicini, & cognati, & congratulabãtur ei.* Confesso q̃ nam fallei nestas palavras, & tambẽ cõfesso, q̃ as deixei, porq̃ nam achei nellas semelhãça senam muita differença do nosso intẽto: *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Lá no nacimẽto do Baptista dis o Evãgelho, q̃ os parentes, & os visinhos estavãõ muito cõtentes, & agradecidos; porem cã nam he assim. Tam fora estam de poderẽ estar cõtentes os visinhos, & os parẽtes; q̃ antes o parentesco, & a visinhãça tem rezam de estar queixosos. Tem rezam o parẽtesco de estar queixoso, porq̃ se vè a sy deixãdo: tẽ rezam a visinhãça de estar queixosa, porque vè os estranhos preferidos. Quando o sangue se vè deixado, porque nam ha de estar queixoso o parentesco? E quando as Estrãgeiras se vem preferidas às naturaes, porque nam ha de estar queixosa a visinhança? Nam se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Acudo a estas duas queixas, & acabo.

Primeiramẽte digo, q̃ não tẽ rezam o parẽtesco d'estar queixoso: porq̃ quando as obrigações do sangue se deixãõ por amor de Deos, nam he fazer offensa, he fazer lisonja ao parẽtesco. Da parte de quẽ he deixãdo he sacrificio, mas da parte de quẽ dei-

29  
xa he lisonja. Tudo provo. Hospedou Martha a Christo é sua casa  
& tinha esta senhora hũa irmãa a que o texto chama Soror Maria:  
*Et huic erat Soror nomine Maria.* Luc. 12. A qual se retirou com  
Christo, & assentada humilde a seus pês, o estava ouvindo, & con-  
têplando. Chegou Martha ao Senhor, & disselle: *Domine non est  
tibi curæ quod Soror mea reliquit me solam ministrare?* E bé Se-  
nhor tâto vos descuidais de mĩ, que nam vedes, que minha irmãa  
me deixou sô? Esta foi a historia; duas são as minhas ponderaçõs.  
Digo, que Martha na queixa que fes de Maria offereceo hũ gran-  
de sacrificio a Christo, & Maria na occasiam que deu a queixa,  
deu huma grande satisfaçam a Martha.

Difficulto assim. Christo nam foi o q̄ chamou a Maria; Maria  
foi a q̄ se assentou a seus pês sagrados. Pois se a occasião justa, ou in-  
justa da queixa a deu Maria, & nam Christo; porq̄ propõe Martha  
a sua queixa a Christo, & nam a Maria? Porq̄ Martha nesta aççam  
nam pretêdeo tâto dar queixas de Maria, quato offerecer sacrifi-  
cios a Christo. Como se dissera Martha. Nam cuideis Senhor, q̄ sô  
Maria he a q̄ fas as finezas, q̄ eu tambẽ vos offereço as minhas. Ma-  
ria sacrifica sua devaçãõ, eu sacrifico minha soledade: *Reliquit me  
solã ministrare.* Ella offerecevos o estar cõ vosco, eu offereçovos  
o estar sem ella. De sorte, q̄ em hũa aççãõ avia alli dous sacrificios:  
hũ de Maria, porq̄ se fora pera Xpõ. outro de Martha, porq̄ a dei-  
xara Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior; o de Ma-  
ria, ou o de Martha? Eu nam me atrevo a dar sentença nesta causa.  
Sô digo, q̄ se neste lugar prégara S. Pedro Chrysologo avia de di-  
zer, q̄ o sacrificio de Martha era maior, q̄ o de Maria. Pergunta S.  
Pedro Chrysologo, que fes mais, se Abraham em sacrificar a Isac;  
se Isac em se offerecer ao sacrificio. Gen. 32. Resolve q̄ Abraham;  
& verdadeiramẽte tê a escriptura por sua parte. Pois se Isac era a vi-  
ctima, q̄ avia de ficar morto; se Abrahãõ era o Sacerdote, q̄ avia de  
ficar vivo; como era, ou como podia ser, q̄ o sacrificio fosse maior  
em Abrahãõ, q̄ em Isac? A rezam he esta. Porque Isac sacrificava a  
sua pessoa, Abraham sacrificava a sua soledade: Isac offerecia-se a  
ficar sem vida, Abraham offerecia-se a ficar sem Isac. E segundo o  
muito;

26  
muito, q̄ Abraham amava aquelle filho, maior sacrificio fazia em  
o dar a elle, que elle em se dar a sy. Bem digo eu logo, que foi  
grande sacrificio, o q̄ Martha offerreceo a Christo entre suas quei-  
xas, pois lhe sacrificou nam menos, que a soledade de Maria. *Re-  
liquit me solam ministrare.*

E q̄ Maria na mesma occasiam, q̄ deu a queixa, deu hũa grande  
fatisfaçam a Martha, não ha duvida. Porque? Porq̄ deixar Maria a  
Martha nam por amor doutré, senam por estar cõ Christo, foi di-  
zerlhe claraméte: q̄ fazia tam grãde estimaçam de sua cõpanhia, q̄  
sõ por Deos a podera deixar, & sõ cõ Deos a podia suprir. Vêdo os  
filhos de Israel, q̄ avia quarêta dias, q̄ faltava Moyses, por estar fe-  
chado cõ Deos, determinarão abalar do pê do monte, & irse. Fo-  
rão se ter cõ Arão, & differão assim: *Fac nobis Deo, qui nos præce-  
dât; Moysi enim huic viro nescimus quid acciderit: Ex. 32.* Arão, t-  
zeinos hũ Deos, q̄ nos acõpanhe, porq̄ não sabemos q̄ feito he des-  
te homẽ Moyses. Linda consequencia por certo! Dai cã hũ Deos  
porq̄ falta Moyses. Moyses não era homẽ? Elles mesmos o dizião:  
*Moysi enim huic viro.* Pois se Moyses era homẽ, porq̄ pedião hum  
Deos em falta de Moyses? Porq̄ ha presenças, q̄ sõ por Deos se po-  
dê deixar; & ha ausencias, q̄ sõ com Deos se podê suprir. Como os  
Hebreos amavão tanto ao seu Moyses, & se vião forçados ao de-  
ixar, fazião este discurso. Já que se hade deixar Moyses, sõ por hũ  
Deos se hade deixar; & já q̄ se hade suprir cõ outré o seu lugar, sõ  
cõ hũ Deos se hade suprir. Por isso pedião a Arão hũ Deos, & nam  
outro substituto daquella ausencia: *Fac nobis Deo, qui nos præ-  
cedât.* Esta satisfaçam derão os Israelitas a Moyses quãdo o que-  
rião deixar; & esta foi a satisfaçam q̄ deu Maria a sua irmãa quãdo  
a deixou. Deixou de estar cõ ella, mas por estar com Deos; *Quæ  
etiam sedens secus pedes Domini.* Mam tem logo rezam o paren-  
tesco hoje de se mostrar sentido, ou queixoso, senam contente, &  
agradecido: *Cognati congratulabantur ei.*

*Et audierūt vicini.* Tambem se nam deve queixar a visinhãça  
de ver as Estrãgeiras preferidas às naturaes. E Porq̄? Porq̄ hũa alma,  
q̄ por mais servir a Deos quis ajutar a claufura cõ a peregrina-  
çam,

çam, necessariamente ouve de deixar os naturaes, & buscar os Estrangeiros. He das cousas, que muito agradou sempre a Deos em seus servos foi a peregrinação. Por isso mādou a Abraham q̄ sahisse peregrino de sua patria: Gen. 12. Por isso quis q̄ peregrinasse Iacob em Mesopotamia, G. 29. Ioseph no Egypto: G. 39. & ao mesmo povo querido de Israel, porq̄ o escolheo pera sy, o fes peregrinar inteiro tãtas vezes, & por tãtos annos. E como Deos se agrada tãto dos peregrinos, (q̄ tambẽ o quis ser neste mũdo Mat. 2.) que faria huma alma deseiosa de agradar muito a Deos, vendose obrigada à clausura pelo seu estado, & inclinada á peregrinação pelo gosto divino? Peregrinação, & clausura nam podem estar juntas: pois que remedio? O remedio foi entrando em Religiam, escolher hum mosteiro de Estrangeiras, pera que viesse desta maneira a achar juntas a clausura, & a peregrinação: a clausura no lugar, a peregrinação na companhia. Quem cudaria, que era possivel estar juntamente em Portugal, & peregrinar em Flandes? Pois isto he o que vemos hoje com nossos olhos.

Falla David da peregrinação dos filhos de Israel pera Palestina, & dis assim: *Cũ exiret de terra Egypti, linguã, quã nõ noverat, audivit.* Pf. 80. Quãdo o povo sahio do Egypto ouviu a lingua que iam entendia. Particular modo de reparar! Se David ponderava a peregrinação dos Israelitas, parece q̄ avia de dizer, q̄ passarão climas incognitos, q̄ caminharão terras desconhecidas. Pois porque nam repara nas terras senam nas linguas? Porq̄ nam dis q̄ andarão por terras estranhas, senam q̄ ouvirão linguas estrangeiras? Porque julgou discretamente o Profeta, q̄ a formalidade da peregrinação nam cõsistia tãto na mudãça dos lugares, quãto na differença das linguas. Nam estã o ser peregrino na estranheza das terras, q̄ se caminham, senão na estranheza da gente cõ q̄ se trata: *Cum exiret de terra Egypti, linguam, quã nõ noverat, audivit.* Sahir do Egypto pera onde se ouve outra lingua, isso he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o viver entre gẽte de lingua estranha, bem digo eu, q̄ se virão aqui jũtas milagrosamente a clausura, & a peregrinação; a clausura no lugar, a peregrinação na cõpanhia. Nam deve

logo

logo de estar queixosa a visinhança, posto q̄ a queixa parecia justificada; antes té obrigação as Religiosas Portuguezas de se edificarem, & alegrarem muito de verem (sobre hũ taõ grande exemplo) hum tam novo, & particular spirito na profissã de seu estado; trocando as apparencias do sentimento em motivos de parabens: *Vicini congratulabantur ei.*

Temos acabado o Sermam, & cõ elle as Victorias do impossivel, q̄ assim se chama. Doulhe este nome nam sõ por ser Sermam do Nacimẽto do Baptista, cõ o qual provou o Anjo, que nada era impossivel a Deos: *Quia non erit impossibile apud Deũ omne verbum;* Luc. 1. Senam por ser Sermam desta profissã solemnissima, que celebramos, na qual sem aver reparado, deixo provados seis impossiveis. No nascimento do Baptista venceose hũ impossivel, que foi ajũtar-se esterilidade cõ parto: *Elisabet h peperit filiũ.* No acto desta profissã vencerãse seis impossiveis, q̄ forão os q̄ ordenadamẽte vimos em seis discursos. No primeiro ajũtar-se a Corte cõ o deserto. No segũdo a mocidade cõ o desfengano. No terceiro a grãdeza cõ o desprezo. No quarto a innocencia cõ o castigo. No quinto a vida cõ a morte. No sexto a clausura cõ a peregrinaçam. E seis impossiveis vencidos na terra, que devem esperar senam seis coroas ganhadas no Ceo? Darvos ha no Ceo, esposa serenissima de Christo, a Corte com o deserto huma coroa de solitaria entre o coro dos Eremitas. A mocidade com o desfengano huma coroa de prudente entre o coro dos Doutores. A grandeza com o desprezo huma coroa de humilde entre o coro dos Apóstolos. A innocencia com o castigo huma coroa de penitente entre o coro dos confessores. A vida com a morte huma coroa de mortificada entre o coro dos Martyres. A clausura com a peregrinaçam huma coroa de peregrina entre o coro das Virgens. Assim triumpha quem assim vence: assim alcança quem assim merece: assim goza quem assim trabalha: assim reyna quem assim serve: nesta vida a Deos por graça; na outra vida com Deos por gloria.

*Quam mihi, & vobis, &c.*

FINIS.